



ROQUINALDO FERREIRA



# Terra de oportunidades

*Nos tempos da independência, vários brasileiros fizeram fama e fortuna do outro lado do oceano*

COM A INDEPENDÊNCIA DO BRASIL, Portugal correu o risco de perder, por tabela, outra colônia: Angola. Temia-se que a possessão africana fosse anexada pelos brasileiros. E havia bons motivos para essa preocupação.

Durante mais de 300 anos, ambas as regiões estiveram nas duas pontas do tráfico de escravos. Quase 70% dos cerca de cinco milhões de africanos que desembarcaram no Brasil vinham do Congo e de Angola. E as relações iam muito além do comércio negreiro: pelo menos desde o século XVII, africanos da costa centro-ocidental e brasileiros estavam unidos por laços mercantis, familiares e culturais.

Por isso, logo depois da independência, Portugal chegou a enviar centenas de soldados para assegurar o controle de Angola e adiou o retorno a Lisboa de um navio de guerra fundeado em Luanda. E não eram só os portugueses que estavam alertas para manter a colônia africana. Em 1826, no tratado de reconhecimento da independência por Portugal, foi incluída uma cláusula proibindo o Brasil de incorporar qualquer colônia ou território luso no continente – Angola, Moçambique, Cabo Verde, São Tomé, Guiné-Bissau e o Forte de Ajudá, no Golfo do Benim. A medida foi uma imposição da Inglaterra, já então envolvida na campanha para abolir o tráfico.

No ano seguinte, o governo brasileiro mostrou que tinha, de fato, interesses especiais em Angola: enviou para lá três navios de guerra. O objetivo ofi-

cial da missão era proteger navios negreiros que operavam na área. A medida era inédita: nenhuma nação independente das Américas tinha ido tão longe na defesa do comércio de escravos. Quase ao mesmo tempo, foi inaugurado um consulado brasileiro em Luanda, sob o comando de Rui Germack Possolo. Numa espécie de governo paralelo, o cônsul ameaçou emitir licenças de partida para navios, atribuição que não lhe cabia, e assumiu o papel de defensor de traficantes brasileiros presos por conta de disputas com comerciantes locais. Não demorou a entrar em choque com o governador de Angola, Nicolau de Abreu Castelo Branco, representante máximo do poder português na colônia.

O fato é que os brasileiros já se encontravam alojados no coração do poder angolano havia muito tempo, ocupando cargos da administração civil e militar. Muitos deles tinham sido enviados à África como degredados. Aos poucos eles se estabeleceram, ganharam poder e prestígio. Era o caso do baiano Joaquim José da Silva Menezes, que aportou como degredado em Benguela no final do século XVIII e chegou a ficar preso durante quatro meses por um motivo aparentemente fútil: solicitar um cargo ao governador de Angola, sediado em Luanda. O pedido foi considerado uma afronta ao governador de Benguela, que na época travava uma disputa de poder com a autoridade da capital. Menezes foi chamado ao palácio do governo, onde

Litografia de Andrew W. Best e GS, s/d. O tráfico de escravos era o principal interesse do Brasil em Angola, tanto que, no momento da independência brasileira, a Inglaterra temia que Angola fosse anexada.

o ajudante-de-ordens disse que ele “só podia servir para carnicheiro, ou tambor, chamando-lhe também negro, filho-da-puta e outros mais convícios”. Passado o malfadado episódio, Menezes prosperou: de escriba virou alferes das forças locais, depois foi administrador do contrato de sal e não demorou a se tornar negociante de escravos e dono de navio negreiro. Uma trajetória singular, ainda mais pelo fato de que, na Bahia, ele próprio fora um escravo.

A maioria dos brasileiros em Angola tinha ligações com o tráfico de cativos. Degredados, agentes de casas comerciais sediadas no Brasil e marinheiros

### Em 1822, Benguela foi chacoalhada por rumores de um movimento para anexá-la ao Brasil independente

ros não vacilavam em se aventurar pelos sertões angolanos em busca de bons negócios. O caso de Francisco Roque Souto é exemplar. Natural de Salvador, ele era um ex-capitão de navios negreiros que foi tentar a sorte em Luanda, mas acabou morando na vizinha Kisama, que estava fora do controle português. Ali, casou-se com a mucama de um dos chefes locais (*sobas*). Com o comércio interno de escravos monopolizado pelos reinos de Ksanje e Matamba, Souto intermediou os primeiros contatos diretos entre Luanda e outro reino local, Holo. A manobra de gênio rendeu-lhe grandes lucros e beneficiou negociantes daquela cidade, mas, obviamente, enfureceu os outros dois reinos. O resultado foi uma guerra entre Matamba e os portugueses, em 1744, na qual Souto foi um dos comandantes do exército luso. O conflito resultou na destruição da capital do reino africano (Mbanza da Rainha) e no envio de centenas de nativos como escravos para o Brasil. Mesmo vencedor, Souto sofreu

Porto de Luanda, 1892. Muitos degredados, marinheiros e ex-escravos no Brasil iam para Luanda e Benguela em busca de bons negócios.

uma devassa que o levou a tentar fugir, mas terminou preso em Luanda por alguns meses.

Entre tantas idas e vindas transatlânticas, não surpreende que um carioca tenha se tornado governador de Benguela, em 1835. Justiniano José dos Reis havia sido membro da junta do governo provisório da cidade durante o período turbulento que se seguiu à independência do Brasil – quando Benguela foi chacoalhada por rumores de um movimento golpista cujo alvo era sua anexação à colônia tropical.

Um dos suspeitos de participar da conspiração foi o carioca Francisco Ferreira Gomes, que vivia em Benguela desde 1800. Também ele um degredado, fora soldado no Batalhão de Henriques, força militar formada só por negros, inspirada no lendário grupo homônimo que existira no Brasil, batizado em homenagem a Henrique Dias, herói negro das guerras contra os holandeses em Pernambuco no século XVII. Promovido a tenente e depois a tenente-coronel, Gomes conquistou rapidamente vários escalões da burocracia de Benguela, tornando-se almoxarife e escrivão da Fazenda Real, proprietário de pelo menos dois navios negreiros e numerosas fazendas. Assim como Francisco Souto, também se casara com a filha do *soba* de uma região vizinha, o Dombe Grande.

Em 1822, após a independência brasileira, foi citado como conspirador, ao lado de outros negociantes locais que planejavam prender o governador e “depois de tal sucesso, içarem a bandeira do império do Brasil”. Circulavam rumores de que Gomes usaria uma de suas embarcações para bombardear Benguela. Por precaução, o governador Joaquim Bento da Fonseca ordenou que ele fosse trancafiado num dos seus próprios navios, e para se proteger de um possível ataque, transferiu seu quartel-

ACRÍVIO ALBERTO DA COSTA E SILVA



FUNDAÇÃO BIBLIOTECA NACIONAL



#### Saiba Mais

ALENCASTRO, Luiz Felipe de. *O Trato dos Videntes: Formação do Brasil no Atlântico Sul, séculos XVI e XVII* (Companhia das Letras, 2000).

MARQUES, João Pedro. “Os Sons do Silêncio: O Portugal de Oitocentos e a Abolição do Tráfico de Escravos” (Instituto de Ciências Sociais, 1999)

Ilustração de uma audiência pública do rei de Lovango, de Pierre Vandera, 1729. Brasileiros traficantes de escravos se casavam com filhas de chefes locais para obter mais poder na região.

general para uma embarcação ancorada na cidade. Dali comandou uma verdadeira ofensiva contra os chamados revoltosos, deportando pelo menos um para o Rio de Janeiro e manifestando a intenção de matar outros três. Fez várias visitas a Francisco Gomes e seus “cúmplices” presos. Numa delas, chamou-os de “ladrões, bodes e negros”, palavras ofensivas que demonstravam que as tensões eram não só políticas, mas raciais. De Benguela, sob ameaça de morte se trocassem palavras entre si, os revoltosos foram enviados de navio para Luanda.

Mas Francisco Gomes foi rapidamente reabilitado. De volta ao comércio de escravos, enriqueceu ainda mais, ampliando seu prestígio por meio de benfeitorias em Benguela, incluindo o apoio para reformas na igreja local e auxílio ao hospital da cidade. Seu “império” pode ser avaliado pelo número de cativos que remeteu ao Brasil: sete mil (entre 1809 e 1831). Como vários outros negociantes de escravos, ele enviou seu filho, José Ferreira Gomes, para ser educado no Rio de Janeiro e depois retornar a Benguela para assumir os negócios da família. Depois de mais de três décadas vivendo na África, Francisco mudou-se com a esposa para o Rio de Janeiro, de onde fazia visitas esporádicas a Benguela. Quanto ao filho José, depois de retornar a Ben-

guela, não só assumiu a liderança dos negócios do pai como também se tornou juiz de fora da cidade. Em 1835, seria um dos líderes de uma revolta contra os brancos que foi em parte motivada por rumores de que Portugal tentaria abolir o tráfico de escravos. Mais tarde, ele se valeria de um *soba* da Catumbela – seu parente por parte de mãe – para fugir das autoridades que combatiam o tráfico.

As trajetórias de Joaquim Menezes, Francisco Souto, Francisco Gomes e seu filho José Gomes revelam a intensidade das relações existentes entre angolanos e brasileiros. Pelo menos enquanto perdurou o tráfico negreiro. Em meados do século XIX, quando Portugal enfim decidiu abolir essa prática, adotou uma medida sintomática: a administração de Luanda passou a registrar todos os brasileiros que chegavam à cidade, além de cadastrar os que já moravam lá.

O fim da escravidão mudou o tipo de relação entre aqueles povos com histórias tão entrelaçadas. E que por pouco não se uniram sob um só país. **H**

**ROQUINALDO FERREIRA** É PROFESSOR NA UNIVERSIDADE DA VIRGINIA, NOS ESTADOS UNIDOS, E AUTOR DE *BONDS OF CAPTIVITY: SLAVING, TRADE NETWORKS, AND CULTURAL EXCHANGE IN THE ATLANTIC WORLD (ANGOLA AND BRAZIL)*, CAMBRIDGE: CAMBRIDGE UNIVERSITY PRESS, NO PRELO.